



ESTÁGIO DE DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: CONHECIMENTOS TRAMADOS NA PRÁTICA DIALÓGICA

Elaine Luiza Foss Montemezzo¹

Aline Lemos da Cunha

Resumo:

Este trabalho trata-se de um estudo qualitativo com estudantes do curso de Pedagogia da UFRGS as quais realizam seu estágio de docência com turmas de Educação de Jovens e Adultos. Neste estudo, também dialogamos com as professoras regentes das turmas onde são realizados os estágios e professoras de artesanato. Durante o Seminário de Docência em EJA (acompanhamento do estágio), desde 2011, convidamos as estudantes a participar da pesquisa. Até o momento sete estagiárias foram entrevistadas e neste diálogo, temos por objetivo acompanhar suas estratégias didáticas, para problematizar/refletir sobre as "Pedagogias da não-formalidade ou das tramas complexas" (CUNHA, 2010), tensionando pedagogias escolares e não escolares no sentido de aprimorar as propostas educativas nos Anos Iniciais da EJA. As entrevistas foram gravadas, tabeladas de acordo com suas temáticas e transcritas. Como resultados parciais, podemos relatar que as práticas das estagiárias convergem com os elementos de análise propostos por Cunha (2010) quando se refere às pedagogias da não-formalidade: corporeidade, sensibilidade, saúde mental, estética do trabalho e emancipação. Destacaram a importância de atividades diversificadas, discussões de temas cotidianos e a possibilidade de diálogo para além do prescrito no ambiente escolar, evidenciando o contato corpo-a-corpo com os educandos. Ressaltam que momentos diferenciados na escola contribuem na sensibilização, chamando os estudantes à participação e promovendo saúde mental. Além da possibilidade de reflexão, os educandos podem perceber-se como sujeitos capazes de aprender (estética do trabalho). Estes aspectos contribuem com seus processos emancipatórios, já que sua autonomia é elemento fundamental na prática educativa, segundo os depoimentos analisados.

Palavras-chave: EJA; Formação de professores; Pedagogias da não-formalidade.

Considerações Iniciais

Este texto trata de um recorte de uma pesquisa maior, intitulada "Conhecimento que se tece e destece: diálogos com mulheres que ensinam e aprendem artesanato problematizando pressupostos na elaboração de propostas para a Educação de Jovens e Adultos". Tal pesquisa é um estudo qualitativo com três grupos de mulheres: estudantes do Curso de Pedagogia da UFRGS as quais realizam seu estágio de docência com turmas de Educação de Jovens e Adultos; Professoras regentes das turmas nas quais são realizados os estágios; e

¹ Graduação em Pedagogia. Graduanda. CNPq, FAPERGS. Elaine7luiza@gmail.com.

professoras de artesanato que atuam/atuaram a OnG Maria Mulher (Vila Cruzeiro), na AICAS (Associação Intercomunitária de Atendimento Social) e, recentemente, na Associação Comunitária e Cultural Quilombo do Areal, todas localizadas em Porto Alegre. A promoção destes encontros visa proporcionar a participação destas mulheres, com diferentes níveis de escolarização, em grupos de discussão (WELLER, 2006) realizados periodicamente, a fim de problematizar "Pedagogias da não formalidade ou das tramas complexas" (CUNHA, 2010).

Através do estudo de grupos de artesanato, com um olhar mais focado nas práticas das "professoras de artesanato" foi possível sistematizar um conhecimento que vem das mulheres, protagonistas de suas aprendizagens e ensinagens, os quais compuseram o que chamamos de "pedagogias da não formalidade ou das tramas complexas" (CUNHA, 2010). Além da sistematização destas, foi possível também evidenciar uma demanda apresentada pelas mulheres, no que tange à necessidade de que as práticas pedagógicas, que a elas se destinam, fossem pensadas sob outros patamares, no caso, reflexões que se vinculavam a uma crítica às propostas de Educação de Jovens e Adultos. Nos diálogos feitos com mulheres que ensinavam e aprendiam artesanato, durante pesquisa realizada entre 2007 e 2009, foi possível evidenciar que estas buscavam alternativas para os processos emancipatórios que desejavam na aprendizagem do trabalho manual. Já não era mais possível encontrar, como historicamente o foi, alternativas que estivessem vinculadas aos seus afazeres cotidianos como, por exemplo, a lavagem de roupas, o cozinhar, organizar a casa.

Este diálogo realizado, possibilitou compreender que, para as mulheres participantes da pesquisa, estas atividades não são compreendidas como possibilidades para emancipar-se, menos ainda para que delas sejam apropriados conhecimentos que possam ser socializados com "suas pares" (CUNHA, 2010). A aprendizagem da confecção de peças artesanais passou a ocupar este lugar e tornou-se alternativa para mudanças, em muitos dos casos. Podemos perceber que na forma de ensinar artesanato (o crochê de grampo e a tecelagem, por exemplo) existem peculiaridades que dizem respeito a uma pedagogia própria, gestada por estas mulheres e que pode contribuir com as reflexões sobre a atualidade dos métodos utilizados na Educação de Jovens e Adultos.

Com a possibilidade de interlocução com mulheres participantes de cursos de artesanato, durante a pesquisa realizada de 2007 a 2009, por meio de grupos de discussão (WELLER, 2006), entrevistas em profundidade (GASKELL, 2002) e observações participantes (GASKELL, 2002) foi possível compreender que estas pedagogias da não-formalidade ou das tramas complexas, bases para o trabalho das professoras de artesanato, se constituíam sob cinco “fios” ou elementos de análise: a corporeidade feminina, o refinamento de uma percepção sensível das peças artesanais e de sua aprendizagem, a promoção de saúde mental, a preocupação com o cuidado estético e a sistematização de propostas para os processos emancipatórios almejados por professoras e aprendentes. Estes cinco, vinculados a três eixos principais: o ser mulher, a autonomia e a possibilidade de ensinar e aprender. Por sua vez, tais eixos apresentam-se compostos por vários temas ou subtemas de análise, que na realidade foram as próprias aspirações das mulheres, coletadas durante os encontros e transcritas sinteticamente. Este estudo, como já referido, demonstrou-se fecundo para a análise de propostas educativas direcionadas às mulheres, mas também, passível de generalização para outras, envolvendo jovens e adultos de ambos os sexos.

Outro aspecto que julgamos importante referir é que a proposta aqui apresentada é, para além de sequência ao estudo realizado anteriormente, carregada de um caráter propositivo e também de problematização do que foi sistematizado e das próprias pedagogias protagonizadas por sujeitos sem formação acadêmica e no caso da pesquisa realizada, sem formação escolar. É um pensar mais aprofundado sobre as alternativas traçadas pelas “gentes” em seus limites e possibilidades, além de ser, também, um questionamento aos limites e possibilidades do que temos vivenciado como “pedagogia formal ou escolar”. Vem ao encontro de propostas pedagógicas oriundas da Educação Popular, onde as mulheres e os homens são compreendidos como sujeitos do processo educativo, capazes de pensar sobre este e participar ativamente nas alternativas de mudança². Além do que, pensamos que esta “epistemologia da vida ordinária”³ precisa fazer parte do processo educativo não apenas como ponte para o conhecimento sistematizado (escolar), mas também como elemento

² PINTO, Álvaro Vieira. Sete lições sobre Educação de Adultos. São Paulo: Cortez, 1982.

³ GEBARA, Ivone. Epistemologia da vida ordinária e epistemologia filosófica. In: NEUENFELDT, Elaine, BERGSCH, Karen, PARLOW, Mara (Orgs.). Epistemologia, violência, sexualidade: olhares do II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião, São Leopoldo: Sinodal, 2008. p. 40-71.

de análise e mudança da própria metodologia de ensino que se efetiva na Educação de Jovens e Adultos. Outra questão que julgamos fundamental é que tais vivências cotidianas das mulheres e homens “simples” sejam pensadas como desafios e não obstáculos para a prática docente bem como indicadores para a elaboração de propostas de formação de professores.

Cabe ressaltar que a novidade deste estudo não está na proposta em si, a qual foi inspirada em escritos anteriores sobre este tema. Podemos citar, para ilustrar, as obras de Álvaro Vieira Pinto⁴ e Paulo Freire⁵ as quais apresentam “lições”, “saberes necessários” à prática educativa no âmbito da Educação de Jovens e Adultos e para outras modalidades de ensino, os quais também contribuem no sentido de fomentar as discussões e orientar a elaboração de alternativas. Porém, consideramos que ainda carecemos de mais contribuições que tenham como fundamento a própria fala dos sujeitos envolvidos, expressas através de suas inquietações sobre o ensinar e o aprender. Além disso, consideramos inovador nesta proposta que isto se efetive através da observação e análise desta forma até mesmo inusitada de conhecimento que circula nos grupos de artesanato frequentado eminentemente por mulheres. Um conhecimento que anteriormente era utilizado para “oprimir” e “cercear” as mulheres, agora é (re)inventado por elas e está a serviço de seus desejos de mudança e é compreendido como uma pedagogia que pode ser posta em discussão com professoras em formação e demais profissionais da educação.

Entendemos que os grupos de discussão, que propomos realizar com as professoras em formação e outros profissionais (professoras das escolas que recebem os estágios), são próximos aos “círculos de cultura” descritos por Paulo Freire, por isso a opção por eles. Conforme Carlos Rodrigues Brandão⁶ quando Freire faz o questionamento ao modo “bancário” de educar, propõe círculos de cultura onde as pessoas possam partilhar, ao redor de uma roda de gentes, suas experiências e seus conhecimentos. Sendo assim, de forma visível, ninguém ocupa um lugar proeminente. Então, “o diálogo deixa de ser uma simples metodologia ou uma técnica de ação grupal e passa a ser a própria diretriz.”⁷

⁴ PINTO, 1982.

⁵ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. 25.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002. 148p.

⁶ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Círculos de Cultura*. In: STRECK, Danilo R., REDIN, Euclides, ZITKOSKI, Jaime José. *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p.76-78.

⁷ BRANDÃO, 2008, p.77 In.: STRECK, REDIN e ZITKOSKI, 2008.

Acreditamos que estes encontros com estudantes em formação para discutir pedagogias protagonizadas por mulheres professoras de artesanato, também contribui para o processo formativo, no momento em que vai ao encontro de um pensamento crítico em Educação, onde diferentes saberes podem e devem dialogar. Também cremos na relevância desta proposta pelas considerações de Álvaro Vieira Pinto⁸ ao dizer que para a formação, um momento eficaz e profícuo é o da troca de experiências e o debate coletivo.

Tópicos

“Entre fuxicos e finções”: Esta expressão destaca um dos aspectos relevantes para se pensar em propostas pedagógicas para a EJA, partindo da vivência com grupos populares. Nossa tradição escolar, recheada de formas de cerceamento e exclusão, vem sendo interpelada, há muitos anos, pelas práticas pedagógicas não-oficiais, porém, ainda não se percebe um diálogo efetivo com estes grupos, possibilitando a partilha de conhecimentos. As instituições oficiais de ensino, geralmente têm captado tais saberes e quando trazidos à escola ficam “entre parêntesis” ou apenas ilustram o “conteúdo”. Igualmente são reduzidos a “folclore”, surgindo em “datas comemorativas” e, portanto, deixam de contribuir na discussão da própria escola ou das mudanças de que ela necessita. Sendo assim, temos compreendido que a realização de grupos de discussão com mulheres com diferentes vivências e níveis de escolaridade, apresenta importantes desafios para que possamos superar esta tradição excludente, onde os saberes do povo aparecem em momentos que a escola determina e que, geralmente, são poucos.

Ampliando e aprofundando as discussões realizadas de 2007 a 2009, desde 2011, realizamos grupos de discussão na OnG Maria Mulher e na Associação Intercomunitária de Atendimento Social, para tratar de temas do cotidiano (trabalho, emprego e renda, convívio familiar, direitos humanos das mulheres) e compartilhar técnicas diferenciadas de trabalhos manuais. Tornou-se importante aprendizado para o grupo, a confecção de flores de fuxicos, pois estes assumiram, pelo menos, dois sentidos: o da peça artesanal com tecidos e o da conversa livre, como popularmente se diz. Tais encontros vêm possibilitando, desde então, compreender o diálogo, a solidariedade e o conflito como

⁸ PINTO, 1982.

constituintes destes grupos e de suas práticas (os fuxicos). Como potenciais estudantes da EJA, as mulheres que frequentam os grupos de artesanato com os quais temos trabalhado, apontam para estes conceitos como palavras geradoras que necessitam aprofundamento, a fim de que possamos superar a tradição dolorida, para estudantes jovens e adultos, que este modelo de escola tem gerado (os fuxicos).

Temos buscado problematizar tais questões com pedagogas em formação, estudantes do Curso de Pedagogia da UFRGS, durante seu estágio de docência na EJA, bem como com as profissionais que as recebem, além de, é claro, discutir formas de ensinar e aprender com as professoras de artesanato. Percebemos que as práticas de duas estudantes entrevistadas em 2011, as quais chamamos de Sol e Lua, convergiam com os elementos de análise propostos por Cunha⁹ para as Pedagogias da não-formalidade. As estudantes foram convidadas a falar sobre suas práticas, destacando elementos que julgassem significativos durante o estágio de docência, dificuldades e outras considerações sobre o período da prática. Já nesta primeira conversa, salientavam: a corporeidade dos educandos, a sensibilidade e a sensibilização, a promoção de saúde mental, o cuidado estético e os processos emancipatórios dos sujeitos, como elementos que não poderiam ser desconsiderados na elaboração de uma proposta pedagógica para a EJA. Outro elemento surgido no debate foi o diálogo.

Com relação à corporeidade dos estudantes da EJA, ou seja, na compreensão de sua integralidade enquanto sujeitos, identificamos que Sol e Lua consideram que os estudantes não se restringem a “uma mente onde se depositam conhecimentos”, mas que apresentavam nas aulas sua corporeidade (corpo e mente indissociáveis). Assim, propuseram aos estudantes sair do “enclausuramento” da sala de aula, para além de confiná-los a um único espaço de aprendizagem. Saindo da sala de aula, em seus relatos, as estudantes manifestaram o interesse dos estudantes em aprender e sua surpresa com a possibilidade de o fazerem de diversas formas. Mesmo que num primeiro momento, tivessem certo estranhamento com o fato de sair da sala de aula ou que outros condicionantes os impusessem a necessidade de estarem ali dentro (o

⁹ CUNHA, Aline Lemos da. Histórias em múltiplos fios: o ensino de manualidades entre mulheres negras em Rio Grande (RS – Brasil) e Capitán Bermúdez (Sta. Fe – Argentina) (re)inventando pedagogias da não-formalidade ou das tramas complexas. 2010. 266 p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, [2010].

empecilho da não permissão dos maridos, por exemplo), seus relatos remetem para o sucesso de tais momentos e sua contribuição para a promoção de aprendizagens significativas. As avaliações escritas dos estudantes de uma das turmas, de outra estagiária, destacavam tais passeios como oportunidades de conhecimento e confraternização, salientando o quanto foi importante participar dos mesmos.

Ainda sobre a questão da corporeidade, as entrevistadas consideraram que um contato corpo-a-corpo com estes educandos é primordial. Assim como no ensino de artesanato foi declarado pelas mulheres-artesãs que é importante ir a cada uma das mulheres-aprendentes mostrando, ensinando, conversando e percebendo suas dificuldades, tal princípio foi considerado relevante para as estagiárias do Curso de Pedagogia com as quais conversamos. Podemos compreender que sentir-se único é fundamental para um estudante da EJA que traz consigo uma trajetória de exclusão da e na escola.

Para as estudantes de Pedagogia, estes momentos diferenciados nas turmas de EJA, contribuem na sensibilização dos educandos, chamando-os à participação efetiva no processo educativo e promovendo saúde mental. Além da possibilidade de reflexão, os educandos têm a experiência de se perceberem como sujeitos capazes de aprender (estética do trabalho – expressando o significado das aprendizagens). Compreendem, portanto, que o estudante da EJA precisa conhecer formas de aprender diversificadas e assim “aprender a aprender”. Sentir-se aprendente, neste estudo, tem aparecido como um dos grandes desafios para os estudantes da EJA. Por outro lado, compreendemos que reconhecer o educando como sabedor, também é um desafio aos educadores.

Vários dos saberes populares, os quais circulavam nas turmas, foram promotores de aprendizagens significativas, partindo dos depoimentos das estudantes em estágio. Mesmo que ainda precisemos avançar, duas estagiárias narraram práticas, onde estes saberes não eram apenas ilustrativos ou ficavam sucumbidos a momentos muito específicos da prática pedagógica. Com mais ou menos ousadia, foi possível perceber que os conhecimentos populares estabeleciam um diálogo com os saberes escolares.

Uma das estudantes narrou uma experiência de trabalho pedagógico com “disparadores de escrita”, os quais eram dicas simples para incentivar o início de produções textuais. A fim de salientar a possibilidade de que todos poderiam escrever seus textos, registrando suas ideias, foi buscar subsídios na produção

literária de uma mulher simples, de cotidiano sofrido, que durante anos viveu em instituição psiquiátrica e que, em pequenos papéis, registrava seus pensamentos. O trabalho com a autora, que foi visitar a turma, gerou a produção de inúmeros textos entre os estudantes e uma problematização da “loucura” para além dos estereótipos.

Em seus depoimentos, as estudantes salientam que percebem o quanto estes momentos podem contribuir com os processos emancipatórios dos estudantes da EJA, já que sua autonomia e criatividade é elemento fundamental na prática educativa. Percebem o seu inacabamento, deixando visível que tiveram momentos difíceis na prática, os quais as interpelavam e desafiavam. A estagiária Surpresa, entrevistada em 2013, depois de conversa com sua orientadora de estágio, percebeu que em sua prática vinha reproduzindo uma forma tradicional e fragmentada de ensino, apesar de defender teorias emancipatórias sobre a aprendizagem dos sujeitos. O eixo de trabalho que propôs tratava do letramento e, afastando-se deste propósito inicial, disponibilizou atividades didáticas com enfoque na ortografia com palavras descontextualizadas e, de certa forma, com propostas que considerou infantilizadas. Com o tempo e a intervenção da professora orientadora, notou que ao planejar deveria compreender a relevância do uso social da escrita para os jovens e adultos (letramento). Em seu trabalho de conclusão de curso, incentivada pelas reflexões que fez durante o estágio, abordou a infantilização das práticas pedagógicas na EJA, destacando que, ao contrário dessa postura:

[...] tornava-se necessário priorizar na prática docente, atividades que propusessem conhecimentos relevantes a vida dos educandos, que fossem por eles utilizados em seu cotidiano e que principalmente, partissem dos conhecimentos prévios daqueles sujeitos.[...] (RÉUS, 2013, p.11)

Na continuidade deste estudo percebemos a centralidade do diálogo/interação das professoras-artesãs com as mulheres e das estagiárias com os educandos. Porém, ainda é possível perceber resistência por parte das professoras que recebem os estágios, as quais cobram das estudantes práticas tradicionais de ensino, mesmo com a argumentação que as estagiárias venham a apresentar, a qual vem sendo discutida com a professora orientadora na Universidade a cada semestre.

Considerações Finais

Este estudo com as estudantes de Pedagogia da UFRGS que realizam seu estágio de docência em Educação de Jovens e Adultos, com grupos de artesanato e com as professoras regentes das turmas que recebem as estagiárias, tem contribuído para uma percepção mais aprofundada sobre a importância de voltarmos nosso olhar para os espaços não escolares (no ensino de artesanato, por exemplo). Tal movimento visa a compreensão de que as pedagogias gestadas nestes espaços sejam problematizadas, mas, para além disto, para a promoção do diálogo entre este saber da prática e o saber acadêmico do Curso de Licenciatura em Pedagogia.

As estudantes que realizaram estágio de docência na EJA avaliam que durante a graduação foram realizados debates bastante restritos e pontuais sobre esta modalidade, sendo necessário que recorressem a outros espaços de formação para que aprofundassem conhecimento sobre a mesma. Salientaram o fato de que ainda é recorrente a orientação para que as atividades para as crianças e adolescentes sejam meramente “adaptadas” para jovens e adultos, sem aprofundar a compreensão de currículo próprio desta modalidade no Curso de Pedagogia. Sendo assim, pode-se compreender em certa medida que este fato pode suscitar, dentre outras questões, a infantilização do método de ensino, presente nas escolas em que as estudantes realizaram seus estágios, por parte das professoras regentes e que, no momento da prática, também é adotado por algumas das estagiárias. Entre as entrevistadas, houve casos onde a prática pedagógica estava se conduzindo no caminho da infantilização do método, porém, conforme um dos relatos e foi fundamental a problematização feita pela orientadora de estágio que, percebendo tal prática, interferiu, oportunizando que a estudante percebesse o “desvio” e reorganizasse seu planejamento. Este fato nos remete a que, mesmo com a imersão em discussões pedagógicas que envolvem a Educação Popular, o currículo próprio da EJA, a não neutralidade do conteúdo escolar, ainda há a , por parte das estagiárias, recorrência de uma prática vinculada à cultura escolar tradicional, fragmentada e infantilizada, dada sua difícil desconstrução. Mesmo buscando a emancipação dos estudantes, a estagiária reconheceu que durante toda a sua trajetória escolar o ensino foi conduzido de uma maneira tradicional, fazendo com que a assimilação de tais práticas fosse naturalizada e assim reproduzida durante o período de estágio. Segundo os depoimentos das estagiárias, em sua expressiva maioria, ainda

existe uma forte resistência quanto às práticas diferenciadas, por parte das professoras nas escolas. Algumas, segundo seus relatos, por subestimarem os alunos, outras, por considerarem que a manutenção da cultura escolar tradicional ainda é a que traz garantias de aprendizagem aos sujeitos, sem aprofundar que a situação de exclusão do conhecimento sistematizado, pela qual passaram os estudantes que hoje frequentam a EJA, dentre outros fatores, também é oriunda desta mesma cultura que fragmenta os saberes e estabelece escalas de classificação dos sujeitos. . Neste mesmo caminho, percebem que os educandos também resistem às práticas diferenciadas, principalmente as que envolvem conversas e saídas dos espaços da sala de aula, por trazerem a lembrança de sua experiência escolar anterior, como sendo a única possível. Percebe-se que os estudantes não conseguem analisar sua condição de aprendentes em um contexto diferente daquele destinados às crianças e aos adolescentes. Sendo assim, não reconhecendo a EJA como uma modalidade com currículo próprio, esperam que as práticas sejam as mesmas destinadas às crianças e aos adolescentes. Também por parte da escola não há o reconhecimento desta diferenciação, ou seja, por vezes, o estudante ao ingressar na modalidade EJA, é concebido como quem apenas “troca de turno”. Por parte das estudantes em estágio de docência, igualmente. Ainda há uma lacuna no que diz respeito à compreensão da EJA enquanto modalidade de Educação Básica e às formas de viabilizar a implementação deste currículo próprio.

Portanto, diante do exposto, percebemos a importância de problematizar e refletir sobre as “Pedagogias da não-formalidade ou das tramas complexas” (CUNHA, 2010), tensionando pedagogias escolares e não escolares no sentido de aprimorar as propostas educativas com turmas de Educação de Jovens e Adultos nos Anos iniciais. Pensamos que tais formas de ensinar e aprender, gestadas por pessoas sem formação escolar, podem nos fazer refletir sobre a EJA enquanto modalidade de Educação Básica e seu currículo próprio, consolidando o diálogo entre saberes (populares e científicos) como fundamento da prática pedagógica.

Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Círculos de Cultura. In: STRECK, Danilo R., REDIN, Euclides, ZITKOSKI, Jaime José. *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p.76-78.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues, STRECK, Danilo R. *Pesquisa Participante: o saber da partilha*. Aparecida: SP, Idéias e Letras, 2006. 295p.

CUNHA, Aline Lemos da. *Histórias em múltiplos fios: o ensino de manualidades entre mulheres negras em Rio Grande (RS – Brasil) e Capitán Bermúdez (Sta. Fe – Argentina) (re)inventando pedagogias da não-formalidade ou das tramas complexas*. 2010. 266 p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, [2010].

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. 25.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002. 148p.

_____. *Pedagogia do Oprimido*. 45.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006. 213p.

GASKELL, George. Entrevistas Individuais e Grupais. In.: BAUER, Martin W., GASKELL, George. *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 5.ed. Petrópolis: RJ, Vozes, 2002. p. 64-89.

GEBARA, Ivone. Epistemologia da vida ordinária e epistemologia filosófica. In: NEUENFELDT, Elaine, BERGSCH, Karen, PARLOW, Mara (Orgs.). *Epistemologia, violência, sexualidade: olhares do II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*, São Leopoldo: Sinodal, 2008. p. 40-71.

PASSOS, Luiz Augusto. Leitura do Mundo. In: STRECK, Danilo R., REDIN, Euclides, ZITKOSKI, Jaime José. *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p.240-242.

PINTO, Álvaro Vieira. *Sete lições sobre Educação de Adultos*. São Paulo: Cortez, 1982.

WELLER, Wivian. Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 32, n. 2, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022006000200003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 de jun. 2008.

_____. "Hip hop em São Paulo e Berlim: orientações político-culturais de jovens negros e jovens de origem turca. In.: II SEMINÁRIO INTERNACIONAL "EDUCAÇÃO INTERCULTURAL, GÊNERO E MOVIMENTOS SOCIAIS – IDENTIDADE, DIFERENÇAS E MEDIAÇÕES", 8 a 11 de abril de 2003, Florianópolis. Anais. Florianópolis, 2003b. CD.